

A última lição

Meus Amigos,

A denominada “última lição” não é com certeza uma lição – estes não são os meus alunos habituais, mas os que estão aqui são os meus amigos – nem será a última porque para o ano ainda haverá uns fogos fátuos durante alguns meses. Mas a preparação desta lição constituiu para mim – e provavelmente para aqueles que estiverem em circunstâncias idênticas – um momento para pensar qual o contexto em que trabalhei durante 36 anos, em que é que acreditei e por que causas lutei, e como é que posso transmitir aos outros este sentimento de que valeu – e vale – a pena. E foi então que comecei a escrever o que tenho para vos dizer (p. 1).

Podemos agora perguntar-nos se uma teoria científica construída de acordo com as dimensões do objeto de análise é a melhor para atingir os objetivos que se propõe. E voltando ao início desta reflexão, podemos também perguntar-nos se esses objetivos são os que permitem ao estudo da linguagem sair de uma circular autorreferência e compatibilizar a universal faculdade da linguagem com a diversidade superficial das línguas, de modo harmonioso e inteiramente satisfatório. Mas para a ciência não existe o ‘inteiramente satisfatório’, como não existe a demonstração ‘verdadeira’, visto que, como dizia Gödel, a consistência de uma teoria terá de ser sempre demonstrada por uma outra pelo menos tão forte como ela, o que nos leva a uma circularidade, ao infinito e ao indecidível.

Tal não significa que devamos adotar a atitude cética de que nenhuma teoria pode ser mais adequada do que outra para a explicação do ‘real’ e, no caso que nos ocupa, da linguagem e das línguas. Não, porque se não podemos atingir a ‘verdade’ podemos, pelo menos, iluminar alguns passos do caminho. E a teoria linguística a que atrás me referi aí está para o provar: criação de uma rede de novas inter-relações, aspetos desconhecidos que tomam forma e revelam importância, um programa de trabalho que aparece promissor, descobertas, novas hipóteses. Enfim, a estrada sem fim da ciência que, iniludivelmente, nos projeta no futuro.

Relembro agora, e não para justificar o meu amor pela linguística – o amor não se justifica – que uma conceção do estudo da linguagem como o entendo é indiscutivelmente transdisciplinar e questionadora, concorrendo assim, neste aspeto específico e no rigor científico da sua aplicação, para a formação do espírito crítico e da organização do conhecimento, em conjugação, naturalmente, com o estudo de outras áreas do comportamento humano. Esta convicção não nasceu nos últimos anos, ao embalo de uma moda recente. Ela surgiu, numa forma não explicitada mas encantada, no contacto de várias décadas com Luís Lindley Cintra, o mestre, e, mais tarde, com os meus alunos que hoje são meus colegas e a quem devo muito do que sei e do que hoje aqui vos disse. Esta maravilhosa forma de comportamento humano não é uma qualquer habilidade; é, antes, o meio de interrogação e de comunicação mais completo que possuímos, que me permitiu apresentar umas quantas opiniões, defender algumas causas e guardar para o futuro, como alimento de uma tranquila investigação, as perguntas a que não sei responder (pp.18-19).

Maria Helena Mira Mateus, Faculdade de Letras de Lisboa, 28 de junho de 2001

(<http://www.mateus.com.pt/assets/a-ultima-licao.pdf>, consultado em 19-06-2020)

